



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística
e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas 4


Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes:
Perspectivas Críticas e Teóricas 4

Atena Editora
2019

IDENTIDADE VISUAL E APROPRIAÇÃO ARTÍSTICA – O NOME COMO MARCA

Christiane de Faria Pereira Arcuri

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Instituto de Aplicação / CAp, Mestrado Profissional
de Ensino em Educação Básica / PPGEB,
Licenciatura em Artes Visuais / IART
Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: O trabalho *Identidade visual e apropriação artística – o nome como marca* é desenvolvido a partir de pesquisa curricular na disciplina de Artes Visuais e História da Arte na educação básica do Instituto de Aplicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro / CAp-UERJ. Seu objetivo principal é relacionar a formação identitária visual dos alunos diante as influências do imaginário cultural e o ambiente escolar cotidianos. O texto enfatiza uma das propostas artísticas recentemente desenvolvida em sala de aula - com base na abordagem triangular (BARBOSA, 1991; 2006) e nos princípios pedagógicos vigentes na BNCC (2018) -, em que há uma apropriação do nome próprio do aluno elaborada (com viés estético) enquanto marca visual. A historiografia da arte nacional estudada na disciplina, além das referências imagéticas da cultura visual da atualidade, dialoga com a proposta visual para a relevância da pesquisa. A pesquisa autoral traz a possibilidade dos alunos elaborarem uma nova organização estética da grafia do

nome / da identidade ampliados como narrativa imagética simbólica, isto é, os alunos voltam-se à criação de uma forma estilizada a partir da organização geometrizada das letras do nome próprio – reconhecida enquanto marca identitária. Essa nova sintaxe visual do nome próprio / a marca estabelece, invariavelmente, relações estéticas com o repertório imagético e as representações sociais de cada aluno. A pertinência da pesquisa na educação básica se justifica, ainda, nas correspondências entre o consumo desenfreado da juventude e a proveniente formação crítico-estética balizada também no dinamismo do espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Visual. Juventude. Escola. Consumo. Ensino Artes Visuais e História da Arte.

VISUAL IDENTITY AND ARTISTIC

APPROPRIATION - THE NAME AS A BRAND

ABSTRACT: The work *Visual identity and artistic appropriation - the name as a brand* is developed from curricular research in the discipline of Visual Arts and History of Art in basic education of the Institute of Application, Rio de Janeiro State University / CAp-UERJ. Its main objective is to relate students' visual identity formation to the influences of everyday cultural imagery and school environment. The text emphasizes one of the artistic proposals recently developed in

the classroom - based on the triangular approach (BARBOSA, 1991; 2006) and the pedagogical principles in force at BNCC (2018) - in which there is an appropriation of the student's own name with aesthetic bias) as a visual mark. The historiography of the national art studied in the discipline, besides the imagery references of the current visual culture, dialogues with the visual proposal for the relevance of the research. The author's research brings the possibility of the students to elaborate a new aesthetic organization of the spelling of the name / of the enlarged identity as imaginary and symbolic code, that is, the students turn to the creation of a stylized form from the geometrized organization of the letters of the name recognized as an identity mark. This new visual syntax of the proper name / brand invariably establishes aesthetic relations with the imagery repertoire and the social representations of each student. The relevance of the research in basic education is also justified in the correspondences between the rampant consumption of youth and the coming critical-aesthetic formation also marked in the dynamism of the school space.

KEYWORDS: Visual identity. Youth. School. Consumption. Teaching Visual Arts and History of Art.

1 | O ENSINO DE ARTES E A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA VISUAL DO ALUNO

A pesquisa acerca da formação identitária visual dos alunos da educação básica no Instituto de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / CAP-UERJ permeada na disciplina curricular de Artes Visuais e História da Arte institui diálogo com questões que rondam a concepção estética da juventude e a gênese da identidade / de um “tipo de gosto”, ambos relacionados ao consumo dos muitos tipos de bens materiais que circulam entre os alunos no espaço escolar.

É importante lembrar que a pesquisa teve início com o levantamento do consumo e do uso (no espaço da escola) de objetos estéticos correspondentes à predominância da cultura visual cotidiana; em outras palavras, o estudo considerou, inicialmente, os objetos usados pelos alunos (mochilas, tênis, cadernos etc) que compõem seu visual / a identidade – em conjugação com a camiseta branca do uniforme – e que apresentam-se com estampas e padronagens artísticas condizentes com as demandas do mercado de tendências da atualidade, mas que não necessariamente atentas ao “gosto” e preferências particulares dos jovens. É a partir desta questão que há o entendimento que a proeminência do uso de tais objetos estéticos usados costumeiramente no CAP pode estar também associada ao processo de formação identitária visual da juventude a medida em que há, invariavelmente, a efetiva personalização / customização de algum objeto nas aulas de Artes.

Deste modo, a articulação com o trabalho posterior difunde a pesquisa sobre a relação entre a formação do gosto estético do aluno e as correspondências artísticas estudadas nas aulas de Artes Visuais e História da Arte. Dito de outro modo, a pesquisa pauta-se nas recorrências da historiografia da arte culminadas na experiência estético-plástica a medida em que os percursos metodológicos são

evidenciados aos diferentes modos de ver e as subjetivas reapresentações que os alunos podem relacionar ao seu nome próprio; à sua identidade. Este trabalho vem apresentar apropriações dos nomes próprios dos alunos criados por eles mesmos e que passam a serem visualizados (literalmente) como um “artifício estético” que aproxima o processo de identificação do aluno à apropriação do nome em marca identitária; configuração artística que diferencia a individualidade do aluno mesmo que diante uma juventude re-conhecida de modo tão homogêneo no espaço da escola. Sendo assim, é inevitável que sejam levantadas algumas hipóteses, tais como: Em que medida o nome pensado individual e artisticamente como marca traz similitudes com o repertório imagético (a cultura visual predominante no cotidiano) percebido pelo aluno?; Qual o alcance do ensino de artes visuais pautado na historiografia da arte para a contribuição com subsídios imagéticos e culturais no desenvolvimento de nomes identitários do aluno?; É possível que haja formação identitária do aluno no espaço escolar frente à homogeneização da juventude?

Consideram-se, como processo metodológico, os princípios da Base Nacional Comum Curricular / BNCC (2018) no que tange à Arte como difusora da interação crítica dos alunos diante a complexidade do mundo; além de promover o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue - importantes para o exercício da cidadania – a medida em que se dá a transmissão de conhecimentos de diferentes e diversas civilizações culturais. As extensões em Arte propostas pela Base colocam, ainda, a articulação de dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística. Tais dimensões são desenvolvidas neste trabalho aleatoriamente (ou melhor, não exatamente na ordem em que a Base dispõe), a saber: *Criação*, que refere-se ao fazer artístico propiciado aos alunos; uma atitude intencional e investigativa do aluno com representações e produções artísticas individuais / coletivas; *Crítica*, que refere-se a novas concepções do espaço cotidiano, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais – e também com contribuições remanescentes de civilizações de tempos remotos; *Estesia*, que diz respeito à percepção dos alunos em relação ao espaço-tempo, às imagens artísticas e aos diferentes materiais/técnicas difundidas ao longo da História da Arte; *Expressão*, que refere-se às possibilidades de criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos; de certa forma, a culminância pragmática das etapas até então desenvolvidas; *Fruição*, que refere-se à apreciação estética das práticas artísticas e culturais; *Reflexão*, condiz com o processo de construir argumentos e ponderações críticas sobre as fruções, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais (BNCC, *idem*). Percebe-se que a pertinência da Base é dar continuidade, de certo modo, aos Parâmetros Curriculares Nacionais / PCNs (1997) e à abordagem triangular preconizada por Barbosa (1991; 2006) desde os anos 90 – também proferida por demais autores contemporâneos.

Estas dimensões do conhecimento são desenvolvidas (dinamicamente) nas

aulas de Artes como etapas que se complementam efetivamente no decorrer da pesquisa. Expandidas, é certo, frente à complexidade do processo de construção cultural vivido pelo aluno no cotidiano do espaço escolar. De acordo com Certeau,

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia [...]. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] É memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. (CERTEAU, 2008, p. 31).

As aulas de Artes agem como *locus* de invenção e reinvenção dos rizomas de valores e gostos das demandas da juventude frente ao cotidiano. No âmbito do processo identitário da juventude, é fato que as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão em transformação, o que abalam, em decorrência, também as identidades pessoais dos que, mesmo que subjetivamente, são influenciados; numa espécie de “perda de um sentido de si”; o mesmo que dizer que o sujeito/o aluno assume identidades diferentes em diferentes momentos; como um indivíduo desprovendo-se de um “eu” coerente – bastante recorrentes à vulnerabilidade e pluralidade singulares da juventude.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural” (HALL, 2019, p. 43).

As reflexões de Hall são oportunas para se pensar a formação da identidade cultural na modernidade tardia. Pode-se ampliar a chamada “crise de identidade” - citada pelo autor - à juventude: as identidades (pós)modernas estão sendo “descentradas”, quer dizer, “deslocadas” ou “fragmentadas” (HALL, *idem*, p. 9). Do mesmo modo, os alunos à medida em que estudam os diferentes estilos estéticos provenientes dos efervescentes movimentos e escolas artísticos (os “ismos”) conhecidos desde inícios do século XX, por exemplo, podem associá-los a indivíduos sociais pautados pelo hibridismo e efemeridade culturais - assim como vê-se nas obras artísticas. A associação da historiografia da arte à fase de constituição das identidades dos alunos se deve, também, à transitoriedade das representações sociais ao longo dos tempos. A juventude, hoje, e não somente no espaço escolar, vive esse supermercado cultural em busca de “se achar”, quer dizer, dependendo em qual grupo está com-vivendo, tende a determinadas preferências que lhe favorecem a determinada identidade visual.

O ensino de Artes, diante a questão, procura trazer ao aluno, conhecimentos estéticos de diferentes civilizações e suas respectivas manifestações artísticas: as representações estéticas à determinada época; os anseios e valores próprios das especificidades artísticas de um espaço-tempo. Estimular o pensamento crítico

e reflexivo sobre o consumo da cultura visual da contemporaneidade a partir de propostas artísticas desenvolvidas em sala de aula é um percurso criativo e imersivo para suscitar correspondências estéticas com o que se vê no cotidiano e, conseqüentemente, como se vê e como se entende; para haver correspondências do que se quer/entende como positivo para si. Dito de outro modo, a medida em que o aluno percebe que por meio de imagens e produtos de consumo pode atribuir não somente sentido de valor mas, principalmente, significado identitário, o repertório imagético que é estudado nas aulas de Artes passa a ter mais sentido para a vida de cada um – espaço esse que se expande para além dos muros da escola.

Na maioria das vezes, a juventude gosta de alguma coisa (inclusive no que se refere à divulgação de marcas publicitárias) porque os demais colegas aprovam, mas não exatamente se identificam e entendem o que escolhem para uso próprio; isto é, o que, de fato, os identifica e atribui personalidade. É no espaço da aula de Artes que comumente percebe-se que a cultura de civilizações remotas pode ser um norte para que as demandas individuais perfaçam, nas reminiscências alegóricas, os múltiplos parâmetros artísticos da atualidade. E os alunos, com isso, possam estabelecer relações sîgnicas entre as referências estéticas provindas de outros tempos e suas próprias demandas autorais.

2 | DO NOME PRÓPRIO À UMA OUTRA IMAGEM (A)PRÓPRIA(DA) – PROCESSOS IDENTITÁRIOS VISUAIS

O nome próprio é, indiscriminadamente, a identidade de cada um. Apesar de não escolhermos o nosso próprio nome, o anúncio de nós mesmos é a partir do nome que temos no decorrer de toda a vida. Talvez daí se explique a preferência do aluno por algum sobrenome ou apelido. Porém, a proposta do projeto de pesquisa destaca o nome completo do aluno e propõe que ele seja apropriado visualmente. Um nome curto ou um nome com muitos sobrenomes torna-se fonte primordial para o desenrolar da pesquisa sobre identidade visual que venho desenvolvendo nas últimas duas décadas como professora de Artes. O que vem sendo experienciado plasticamente é a possibilidade de uma nova organização estética do nome próprio do aluno; e a visualização do nome enquanto forma e sintaxe, que não provém apenas da aparência, mas que alcança a correspondente compleição estética com a essência do seu conteúdo correspondente: o nome próprio/a identidade do aluno; a marca/a individualidade propriamente dita de cada aluno; da personalidade à personalização artística – marca visual.

Pensando no nome enquanto uma forma com possibilidades estéticas para um processo artístico análogo e condizente ao próprio aluno, a ideia da pesquisa é considerar as alegóricas manifestações artísticas como um respaldo estético para a criação de uma outra organização visual do nome próprio. Para o desenvolvimento dos

processos metodológicos, a abordagem estética tem início nas transições alegóricas das linguagens de tempos civilizatórios e culturais remanescentes, como nas obras de Athos Bulcão (RJ, 1918 – Brasília, 2008), renomado artista de grandes painéis em Brasília – por ocasião de exposição retrospectiva de sua trajetória artística “100 anos de Athos Bulcão” que celebrou o centenário do artista conhecido pela diversidade de sua obra e inegável importância histórica e cultural no Brasil e no exterior. Sua inspiração inicial destaca-se na azulejaria portuguesa e nas cores (influência de Portinari) das composições muitas vezes formando painéis com padrões artísticos estilizados (influência das parcerias com Niemeyer) e dinamizados na arrumação aleatória da composição final.

Além do estudo das obras conhecidas na exposição, a obra abaixo foi uma referência artística para os alunos por ser de fácil acesso, quer dizer, encontra-se no sambódromo do Rio - local conhecido, e também nas proximidades da escola (Figura 1).



Figura 1: Athos Bulcão. Painel de azulejos, Praça da Apoteose, Sambódromo, 1983. Foto Tuca Reiné. Disponível em <https://www.fundathos.org.br/abreGaleria.php?idgal=117> Acesso: 05/03/2018.

A proposta desenvolvida também destaca a massificação imagética das ruas (a cultura visual) que submerge de modo incessante na sala de aula. As articulações estético-culturais do que se vê no dia a dia contribuem para a difusão da linguagem visual do cotidiano através da prolixidade dos seus campos expressivos, ou seja, desenhos, pinturas, *outdoors*, embalagens, fotografias, grafites, esculturas, gravuras, instalações e *performances*, linguagem cinematográfica (filmes e vídeos), tecnologias digitais, arte urbana etc.



Figura 2: Coletivo MUDA. Bandeira MUDA, Azulejo, Praça da Bandeira, 2017; Radial Oeste, Azulejo, São Cristóvão, 2016. Disponível em <https://coletivomuda.com.br/> Acesso: 05/03/2018.

O Coletivo MUDA (Figura 2), por exemplo,

dedica seu trabalho a investigação e experimentação geométrica de módulos. O trabalho explora também diferentes matérias, processos e pigmentos. O resultado tem o peso das 10 mãos e a personalidade dos 5 MUDAs. Módulo base, geometria simples. Recorte, pigmento. Na ordem do caos, a sobreposição do próprio sobre ele mesmo reflete a singularidade do outro. Camadas em êxtase! Coletivo MUDA (In: <https://coletivomuda.com.br/>).

As obras do Coletivo MUDA também são inspiração estética para o desenvolvimento do projeto. A primeira obra da figura, à esquerda, chama-se *Bandeira MUDA*. A descrição da obra consultada no site oficial descreve o processo artístico do coletivo nacional nas obras que estão no (único) acesso dos alunos para a escola: “No pilar de concreto armado sob o céu escuro de um elevado sinuoso, luz. É textura acumulada nas caixas, é nossa história ganhando nova forma. É liberdade. Pede passagem ao vazio que nós queremos ficar!” (In <https://coletivomuda.com.br/>).

Em relação à outra obra do Coletivo MUDA, da figura acima, à direita, *Radial Oeste*, é proferido o seguinte pelos artistas: “As sombras do viaduto, um caminho, uma calçada. De dia é respiro, de noite é quebrada. Um coletivo, duas caixas, um balde e uma escada. Geometria sobre paisagem alterada” (Idem).

Estas obras foram selecionadas entre tantas outras do Coletivo MUDA porque estão no trajeto percorrido pelos alunos entre casa e escola - mesmo que não sejam percebidas, é certo, ainda pela grande maioria dos alunos. Ao serem contextualizadas como arte urbana, as obras brasileiras e suas especificidades estéticas são muito oportunas para o desenvolvimento da proposta da pesquisa sobre os nomes dos alunos na aula de Artes.

Todavia, a permanente difusão dos referimentos históricos e estéticos atribuídos à diversidade visual que circunda o cotidiano dos alunos propicia condições suficientes para que eles re-conheçam melhor a sociedade em que vivem e entendam as correspondentes interferências no espaço escolar em que estão rotineiramente.

E que também passem a se identificar - ou não -, com o que os cercam e com o que é circulante na rua, inclusive a arte urbana do bairro da escola, como vimos no caso das obras do Coletivo MUDA: “interpretar a cultura de sua época ao tomar contato com a de outros povos leva o aluno a desenvolver o olhar curioso; a desvendar; a interrogar e até a produzir alternativas frente às representações do universo visual” (Hernández, 2000, p. 20). Na verdade, a pesquisa torna possível aos alunos uma nova organização estética da grafia do nome ampliada como código imagético que estabelece, ainda, relações imediatas com suas identidades; ou seja, os alunos criam uma forma simbólica com referências estéticas (a marca) a partir da organização visual das letras do nome próprio, como uma apropriação artística. Essa outra sintaxe visual da forma / marca proposta pelo aluno, estabelece, invariavelmente, relações estéticas com seu repertório imagético, com suas vivências culturais e com seu gosto estético (ainda em formação crítica).

Pensar a concepção da identidade visual da juventude como um processo de descentralização do aluno reconhecido enquanto indivíduo é, de fato, associá-la ao dinamismo do cotidiano do espaço escolar. Um ambiente onde devem predominar a diversidade, a consagração da diferença e do heterogêneo – todos princípios tangíveis à composição e reconhecimento das particularidades estéticas do nome próprio de cada aluno.

Para tanto, considera-se o nome próprio como fonte de pesquisa e investigação da identidade subjetiva de cada aluno. Escrita e imagem (Figura 3) postos consecutivamente, ou ainda, a imagem da narrativa e/ou a narrativa do conceito nominal, tornam a relação recíproca; como reforço na amplitude dos provenientes códigos específicos da imagem visual.



Figura 3: Nomes-marcas. Produções visuais de alunos do ensino médio, grafite e esferográfica sobre papel, 2019.

As autorias – a partir das colunas que se seguem: Rafael Antonioli Deslandes; Pablo Teixeira Gomes da Silva; Beatriz Barbosa de Paiva; Fernando Alves da Silva; Gabriel Luis Oliveira Alves; Lucas de Queiroz Baptista Soares; Laysa Vitória Santos Almeida; Rhyhan Percini Bezerra; Sofia Matos de Souza Carcardo; Mariah Mendes Canarinho de Souza; Milena Arcanjo Fortes da Silva; Nathalia Nunes da Silva; Anna Clara Lima Sampaio; Maria Julia de Andrade; Roberto Nathan Neves Guerreiro; Gláucia Soares Nogueira; Larissa Vieira Marinho da Costa; Alexandre da Silva Lopes Ferreira

As autorias – a partir das colunas que se seguem: Julia de Oliveira Midão; Julia Mascarenhas Veloso; Guilherme Pessôa; Ana Beatriz Rossini Teixeira Coelho; Bianca de Melo Araújo; Caroline Tavares da Mota Monteiro; Ana Beatriz Vieira Simões; Alice Bagdadi Teixeira da Costa.

As composições dos alunos na figura 6 (abaixo) foram realizadas a partir da apreciação das obras em azulejos de Athos Bulcão - como na figura 1. A partir da criação do nome-marca (como um logotipo), a composição simétrica da forma é estabelecida como um padrão geométrizado que se repete evidenciando a estilização da forma.



Figura 6: Nomes-marcas.

Produções visuais de alunos ensino médio, Composição com recortes cartolinas, 2018.

As autorias – a partir das colunas que se seguem: Ana Beatriz Simões; Caroline Monteiro; Gabriel Ozolins; Ana Terra Leão; Miguel Rodrigues; Murilo Matheus Santos Fortes; Bianca de Melo Araújo; Luisa Vasques da Rocha; Guilherme Pessôa.

A aposta da pesquisa prescreve a assertividade da criação autoral intrínseca ao currículo de Artes uma vez que dá possibilidade para a fluidez dos processos efêmeros da juventude, na conjugação tanto do cotidiano escolar como às interferências culturais híbridas para além dos muros da escola.

3 | DE SAÍDA

Tenho procurado desenvolver nas aulas de Artes Visuais e História da Arte, no decorrer das últimas décadas no magistério, as pesquisas com imagens urbanas e obras de arte nacionais que possam ser associadas às demandas cotidianas dos jovens alunos; obras e expressões estéticas que conversem com as expectativas artísticas que passam a ser inerentes para o desenvolvimento dos projetos visuais. As propostas vão sendo pensadas numa possibilidade autoral de modo que propicie a fluidez da subjetividade artística tão essencial aos jovens. Como alternativa também, é certo, para se pensar e refletir acerca de questões que rondam a escola e a juventude frente ao consumo estético pouco criterioso na atualidade. Na verdade, para que as teorizações prescritas, principalmente, nas aulas do ensino médio, inscrevam outros novos sentidos identitários no tempo/lugar em que a juventude transita.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. (Org.) **arte/educação contemporânea - Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2006.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BORDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BULCÃO, Athos. <https://www.fundathos.org.br> Acesso: 01/03/2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **A invenção do cotidiano 2**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Coletivo MUDA. <https://coletivomuda.com.br/> Acesso: 08/05/2019.
- DONDIS, A. D. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FABBRINI, R. **A arte depois das vanguardas**. Campinas: UNICAMP, 2002.
- FERRAÇO, C. E. **Pesquisa com o cotidiano. Educação & Sociedade**. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, v.28, n.98, p.73-95, Jan./Abr. 2007.
- FUSARI, M. F. R. e FERRAZ, M. H. T. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

HALL, S. A **identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019 (12ª edição).

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MEC – Ministério da Educação. **BNCC – Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf> Acesso: 05 de janeiro de 2018.

OLIVEIRA, I. B. *Currículo e processo de aprendizagemensino: Políticaspraticas Educacionais Cotidianas*. **Currículo sem fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013.

ROCHA, E.; PEREIRA, C.; BARROS, C. (Orgs.). **Juventude e consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.